

Centro Universitário La Salle – UNILASALLE Canoas



MOUSEION:

Revista do Museu e Arquivo Histórico La Salle

n. 21,

ISSN 1981-7207

 <http://dx.doi.org/10.18316/1981-7207.15.0>

Canoas, 2015

Reitor

Paulo Fossatti, fsc

Vice-reitor

Cledes Antônio Casagrande, fsc

Pró-reitora Acadêmica

Vera Lúcia Ramirez

Pró-reitor de Desenvolvimento

Renaldo Vieira de Souza

CONSELHO EDITORIAL

Prof. *César Fernando Meurer*

Prof^ª. *Cristina Vargas Cademartori*

Prof. *Evaldo Luis Pauly*

Prof. *Rafael Knust*

Prof^ª. *Tamara Cecília Karawejczyk*

Prof^ª. *Vera Lúcia Ramirez*

Prof^ª. *Zilá Bernd*

CONFECÇÃO TÉCNICA

Coordenação geral: *Editora Unilasalle*

Revisão de Língua Portuguesa: *Elizabeth Fornés*

Revisão de Língua Inglesa: *Ana Cláudia Garibaldi Rodrigues*

Editoração eletrônica: *Fernanda Barbosa Guimarães*

Créditos da imagem: *Nádia Weber*

Monumento Stonehendge, sul da Ilha da Inglaterra

EDITORA CHEFE

Cleusa Maria Gomes Graebin

EDITORES ASSISTENTES

Lucas Graeff

Nadia Maria Weber Santos

Comitê Editorial Científico

Alessio Sarques, UNISUL, Brasil

Arivaldo Leão de Amorim, UFBA, BA, Brasil

Artur Cesar Isaia, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil

Célia Ferraz de Souza, UFRGS, Brasil

Charles Monteiro, PUCRS, RS, Brasil

Claudio Gonçalves, UNIVALI, Brasil

Cornelia Eckert, UFRGS, RS, Brasil

David Nelken, Universidade de Maceratta, Itália

Edgar Vidal, CNRS, EHESS, MASCIPO, França

Elisabete da Costa Leal, UFPel, RS, Brasil

Elizabeth Loiola, UFBA, Brasil

Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos, UNISINOS, RS, Brasil

Flavio Damico Celis, Universidad de Alcalá, Madrid, Espanha

Francine Saillant, Université Laval, Québec, Canadá

Germano André Doederlein Shwrtz, ESADE, UNILASALLE, RS, Brasil

Jaques Leenhardt, França

José Costa D'Assunção Barros, UFRRJ, RJ, Brasil

Luiz Fernando Beneduzzi, Università Ca' Foscari Venezia, Itália

Maria Cristina Pons Martins, Museu da UFRGS, RS, Brasil

Maria Zilda Ferreira Cury, UFMG, MG, Brasil

Marília Xavier Cury, MAE-USP, SP, Brasil

Mário de Souza Chagas, IPHAN, UNIRIO, RJ, Brasil

Monica Pimenta Velloso, FCRB, MINISTÉRIO DA CULTURA, RJ, Brasil

Rejane da Silva Pena, Arquivo Histórico, RS, Brasil

Ricardo de Aguiar Pacheco, UFRPE, PE, Brasil

Rodrigo Garcia Alvarado, UBB, Chile

Rosalina Estrada, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México

Rosangela Patriota Ramos, UFU, MG, Brasil

Underlea Miotto Bruscato, UFRGS, RS, Brasil

Zita Rosane Possamai, UFRGS, RS, Brasil

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

MOUSEION

Revista do Museu e Arquivo Histórico La Salle

Av. Victor Barreto, 2288, 90010-000 Canoas, RS, Brasil


(51) 3476.8500


mouseion@unilasalle.edu.br

<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion>



Av. Victor Barreto, 2288 | Centro | 92.010-000
Canoas/RS

 +55 51 3476.8603

 editora@unilasalle.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Mouseion [recurso eletrônico] : revista eletrônica do Museu e Arquivo Histórico La Salle / Centro Universitário La Salle, Museu e Arquivo Histórico La Salle. – N. 1 (2007)- . – Dados eletrônicos. – Canoas, RS : Centro Universitário La Salle, Museu e Arquivo Histórico La Salle, 2007- .

Semestral: 2007-2011. Quadrimestral: 2012-.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion>>

Título da página da Web (acesso em 21 mar. 2013).

ISSN 1981-7207

1. Museologia - Periódicos. 2. Museografia. 3. Museus. 4. Arquivos históricos. 5. Centros de documentação. 6. Memória social. 7. Patrimônio cultural. 8. Exposições. 9. Educação patrimonial. 10. Turismo cultural. 11. Instituições culturais – Gestão. 12. Acervos – Gestão – Preservação – Restauração. I. Centro Universitário La Salle. Museu e Arquivo Histórico La Salle.

CDU: 069(05)

Bibliotecário responsável: Samarone Guedes Silveira - CRB 10/1418

SUMÁRIO

Editorial/Apresentação do Dossiê 07

Apresentação do Dossiê 09

Ivo Canabarro

Dossiê

Fotografia & História Cultural: uma janela aberta para o mundo 17

Ivo dos Santos Canabarro

Negras paisagens: (in)visualidade afrodescendente na Laguna (SC) 35

Thiago Juliano Sayão

O conflito da Nicarágua em 1979 em Veja: o trabalho do fotógrafo e as decisões editoriais 51

Caio de Carvalho Proença

O olhar moderno e o efeito de estranheza 71

Erika Zerwes

Uma trilogia para estudar o Medievo: micro-história, iconografia e arquitetura 85

Amanda Basilio Santos

Artigos

"Existir e morar na cidade": vinte anos do projeto Canoas – para lembrar quem somos 109

Douglas Souza Angeli

EDITORIAL

É com satisfação que publicamos mais um número da revista *Mouseion*, este com o dossiê sobre Cultura Visual, coordenado pelo colega, Doutor em História e professor da UNIJUI, Ivo Canabarro, que assina também a apresentação. O atual número conta, assim, com cinco artigos temáticos e um artigo livre.

Conforme o escrito do colega Canabarro em seu artigo *Fotografia & História Cultural: uma janela aberta para o mundo*, existe uma profícua relação entre fotografia e o Campo da História Cultural, pois “a fotografia traz consigo importantes aproximações com a cultura, podendo, neste caso, ser objeto de estudo da História Cultural porque representa elementos culturais em sua composição e modos de circulação na sociedade contemporânea”. E nesta senda, desenvolvem-se os demais artigos do dossiê.

Thiago Sayão, ao discutir *Negras paisagens: (in)visibilidade afrodescendente na Laguna (SC)*, toma como referência a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, cujas fotografias “são compreendidas como testemunhos do protagonismo dos afrodescendentes em uma cidade litorânea do Sul do Brasil”, ao mesmo tempo que em revelam seu ocultamento, “nos textos dos memorialistas locais, dos africanos e seus descendentes, sejam na condição de escravizados, livres ou libertos”.

Já em *O olhar moderno e o efeito de estranheza*, a colega Erika Zerwes dá um outro enfoque às questões da fotografia na História Cultural. Ela trabalha a noção estética de “estranheza”, retraça os caminhos que esta percorreu, tornando-se “marcante nas vanguardas russa e alemã de entreguerras, até se estabelecer como parte do léxico imagético moderno”, ao mesmo tempo em que há uma “progressiva perda de intenção política”, sofrida ao ser incorporada à cultura visual durante a primeira metade do século XX.

O conflito da Nicarágua em 1979 em Veja: o trabalho do fotógrafo e as decisões editoriais, artigo de Caio Proença, remete-nos aos desígnios da Revista *Veja*, quando diagramou e apresentou ao leitor as fotografias de Pedro Martinelli, enquanto este cobria os conflitos da guerra civil na Nicarágua em 1979. O autor, utilizando fontes orais e visuais, procura “perceber como a editoria de fotografia trabalhou com a produção fotográfica sobre os conflitos no país da América Central”.

Em *Uma trilogia para estudar o medievo: micro-história, iconografia e arquitetura*, a autora Amanda Basilio Santos utiliza a micro história para referendar a iconografia e a arquitetura religiosas como fontes históricas.

Por fim, o artigo livre, de Douglas Angeli, intitulado *Existir e morar na cidade: vinte anos do projeto Canoas – para lembrar quem somos*, é a nós muito caro, pois remete à pesquisa *Canoas – para lembrar quem somos*, desenvolvido no âmbito do Unilasalle desde 1994, envolvendo professores e alunos do curso de Graduação em História. O autor “busca situar este empreendimento com relação ao tema do diálogo social no âmbito do conhecimento histórico, em especial à história pública”. Conforme salienta Angeli, como resultado desta pesquisa original, livros já foram publicados sobre alguns bairros de município de Canoas e, assim, “o projeto vem colaborando com a produção historiográfica e com a divulgação da história local, produzindo obras de qualidade destinadas à comunidade”.

Aproveitando para agradecer, como editores, àqueles que colaboram com nossa revista, pareceristas e articulistas, desejamos uma excelente leitura a todos.

Nádia Maria Weber Santos
Editora Assistente da Revista
Agosto de 2015

POR UM DOSSIÊ DE CULTURA VISUAL

Ivo Canabarro

Apresentar um dossiê de cultura visual é uma excelente tarefa para alguém que trabalha com fotografias, pois existe um elo de ligação de um campo com o outro. Um consiste num campo, o caso da cultura visual, o outro, a fotografia é uma parte de sua composição. Entender a cultura visual é um desafio para os pesquisadores contemporâneos, pois o “visual” é parte integrante do mundo social. Somos muito ligados ao campo da visualidade, pois as imagens estão por toda a parte e, constituem uma forma de leitura da realidade. A comunicação humana esteve sempre ligada às imagens, o olhar capta uma dimensão que nos permite o entendimento das relações sociais e culturais. Estamos acostumados a ver o mundo imagético; as imagens expressam elementos que fazem parte de todo um sistema de comunicação, portanto, de um modo de visualidade.

Entender o campo do visual no mundo atual é um exercício que exige uma reflexão sobre a importância do entendimento de se estabelecer um diálogo dele com a cultura. É somente na dimensão da cultura que podemos entender o visual; ele é um produto social e cultural, e seus significados somente são decifrados no campo da cultura. Portanto, existem laços que ligam de forma consistente a cultura visual com os estudos culturais. Pode-se dizer que há uma interdependência no sentido de entender como cada um dos campos são complementares e decisivos, no sentido de estabelecer possibilidades de leitura dos significados das imagens. O processo de leitura das imagens consiste numa elaboração de todo um campo teórico e metodológico para dar conta da polissemia que cada imagem representa.

A polissemia das imagens consiste numa característica própria de cada uma delas, sejam as imagens fixas, quanto as imagens em movimento. A construção teórica de leitura de imagens perpassa pelo entendimento de como estas foram produzidas, consumidas e circuladas, um verdadeiro circuito social. Os seus significados podem ser universais, como as imagens sagradas e mesmo as consagradas como clássicas que são conhecidas em todo o mundo. Como também aquelas que são decifradas em um determinado contexto de pertencimento, portanto, a sua produção e circulação são elementos fundamentais para a sua interpretação. A leitura das imagens não é uma tarefa fácil, exige do pesquisador uma série de habilidades, é uma fonte com

características próprias, pois pertence a todo um regime de visualidade que interfere diretamente em sua contextualização. Elas pertencem a um contexto, seja ele recente ou antigo, cada um guardando as suas singularidades.

Um grande desafio no atual campo da pesquisa é pensar as imagens inseridas na cultura visual, entendê-las como parte integrante de todo um sistema de visualidade. Somente desta maneira podemos entender os significados latentes de cada uma delas e, sobretudo, ter a capacidade de criação de uma metodologia adequada para a sua leitura. Os sistemas de visualidade na contemporaneidade nos permitem adentrar em dimensões que vão muito além dos registros escritos, esses últimos os mais usados no campo do conhecimento. A visualidade da sociedade é composta de todo um conjunto de imagens que nos dão uma visão mais elaborada do mundo social. Pensar nos elementos visuais requer a capacidade de fazer conexões com as os demais elementos que nos permitem construir o conhecimento. São instrumentos que podem servir como elaborações dos sistemas culturais. Desta forma, os elementos visuais aparecem como objeto e fonte de pesquisa no atual paradigma do conhecimento.

A imagem como forma de expressão do mundo social é mais antiga que a escrita, portanto, merece atenção para a sua utilização na construção do conhecimento. Na antiguidade as imagens já apareciam como expressão da cultura; tivemos muitas civilizações que utilizaram as imagens como forma de comunicação e perpetuação de seus sistemas culturais. Na própria história das civilizações as imagens são muito presentes, mas elas aparecem para os antigos pesquisadores como ilustração do texto escrito. Não se dava à imagem o papel de objeto de pesquisa, pois era considerada mera fonte ilustrativa, sem uma análise de todo o seu potencial de comunicação. Pode-se observar ao longo da história que as imagens estão cada vez mais presentes nas distintas sociedades: primeiro as imagens fixas, depois as imagens em movimento. Na contemporaneidade elas aparecem com muito destaque na comunicação humana. O mundo está cada vez mais imagético, elas invadiram os espaços de circulação da cultura de uma forma crescente e problemática, pois é preciso criar mecanismos de entendimento dos significados delas.

O fato de as imagens já existirem antes da escrita, facilitou os processos de comunicação, pois a interpretação dos signos imagéticos, não dependem exclusivamente da escrita, ou seja, qualquer pessoa pode estabelecer uma determinada interpretação de uma imagem. Isso coloca a imagem numa centralidade da cultura, pois elas comunicam mensagens que de certa forma estão codificadas, e é na própria cultura que podem ser

decifradas. Alguns sistemas culturais são predominantemente imagéticos, pois além de uma perspectiva ornamentaria, elas formam todo um universo simbólico. Interessamos as duas perspectivas, num sentido estético da imagem e no sentido simbólico que ela possa representar, pois o olhar também tem essa dimensão estética, a beleza sendo uma procura humana. As imagens representam esta faceta do belo, prendem o olhar de uma forma subjetiva, pois o encantamento faz parte da polissemia da imagem. As gravuras, as telas, as fotografias e o cinema têm esse objetivo de prender o olhar. Criando uma visão de encantamento para quem olha, as pessoas sentem-se seduzidas pela beleza das imagens ao longo de toda a história da humanidade.

O grande número de imagens no mundo contemporâneo causou uma certa guerra de imagens como bem salienta Gruzinski (2006), elas estão presentes em todos os meios de circulação da cultura, dando sentido e significado para as relações sociais em todas as partes do mundo. As diferentes sociedades utilizam imagens para se expressar criando todo um imaginário que dá sentido às representações sociais e visuais, e é exatamente neste ponto da imagem como representação que está todo o seu sentido e significação. As representações visuais estão presentes em todos os espaços de circulação social e cultural, pois dão sentido à vida dos homens em sociedade. Sendo assim, as imagens compõem um mundo de significação presente na vida cotidiana de cada indivíduo ou grupo social. A dimensão visual da sociedade representa uma forma de construção de uma perspectiva de ver o mundo e, ao mesmo tempo, de representá-lo em todos os seus detalhes e significação. São tantas as formas de representá-lo via imagem que já é possível viver em uma guerra de imagens; são tantas e tão representativas que confundem os sentidos da percepção do olhar.

Mas é esse sentido exato da imagem como representação visual que nos interessa mais diretamente, pois somos produtores do conhecimento. É claro que também somos apreciadores de imagens, pois elas sempre nos fascinam, informam e representam uma determinada forma de realidade e realismo. As representações visuais constituem toda uma forma de abordagem das sociedades, são exemplos de formas de imaginar, representar e codificar as relações sociais em diferentes contextos históricos. Portanto, somos mais direcionados a entender como as representações visuais nos proporcionam o entendimento da dimensão visual de uma determinada sociedade. Sendo assim, representar visualmente uma sociedade é também uma forma de abordagem da mesma, possibilitando uma perspectiva de entendê-la e reconstruí-la em forma de conhecimento humano.

As representações visuais nos propiciam entender como as imagens podem nos trazer impressões sobre a realidade, como são codificadas culturalmente e apresentam uma forma de representar alguma coisa ou situação social. O trabalho com as representações já ganhou espaço significativo na produção do conhecimento; somos capazes de entendê-las como um conjunto de questões que dizem respeito a uma maneira dos indivíduos e grupos de se apresentarem socialmente. No caso específico das representações visuais, estas ganharam o gosto dos pesquisadores, que atualmente as trabalham-nas como sendo formas de se colocarem no mundo social e se afirmarem no processo de construção de identidades. As representações são elementos fundamentais para a afirmação das identidades, elas situam os indivíduos nos seus contextos de pertencimento e permitem o seu reconhecimento. Portanto, as representações visuais contribuem de forma significativa para o entendimento de como os indivíduos e grupos são alocados no mundo social.

Pensar nas representações sociais nos remete diretamente ao visual e como este é uma forma de expressão e de comunicação. Neste sentido, já alertou Martin Jay (1996), é quase impossível separar os objetos visuais de seu contexto de pertencimento, remetendo-nos à questão da sua leitura, elaborações que encontram um significado com a interpretação feita da obra relacionada ao contexto. Ainda segundo o autor, é possível identificar um verdadeiro *visual turn*, ou seja, uma virada visual, o que possibilitou colocar a imagem no centro de discussões no mundo atual e nas diversas formas de construção do conhecimento. As representações visuais não são mais meras ilustrações do texto escrito, elas passam a ser fonte e objeto do conhecimento, pois já é possível o investimento de um trabalho de interpretação da imagem, explorando todo o seu potencial criativo. Seguindo esta direção é possível elaborar um conjunto de instrumentos metodológicos que garantem uma interpretação coesa das representações visuais.

Mas uma virada visual só foi possível de perceber depois da virada cultural, isso nos remete à importância da questão cultural para a leitura das representações visuais. Isso evidenciou a emergência dos estudos visuais no mundo contemporâneo, como uma possibilidade de alocar a imagem para representar formas simbólicas no imaginário social. Ficamos cada vez mais adeptos a representar pela imagem, como mais uma possibilidade de leitura e interpretação das distintas realidades, havendo sempre uma complementação do texto escrito com o visual, isso não significando que um tenha menos importância que o outro, sendo ambos muito complexos e complementares. A

leitura da representação visual o torna texto escrito, enfatizando sempre o seu potencial explicativo, pois ela possui um grau de complexidade que só pode ser alcançado com uma interpretação detalhada de todos os seus signos. Sendo assim, não é possível chegar à complexidade da imagem apenas utilizando-a como uma ilustração do texto escrito, isso destruiria todo o seu potencial explicativo.

As observações de Knauss (2006) são extremamente esclarecedoras para o campo da cultura visual no Brasil, pois ele apresenta um dossiê completo dos caminhos trilhados por autores consagrados nesse campo do conhecimento. O percurso dos desdobramentos da cultura visual apresentado por esse autor nos remete não apenas às questões teóricas, mas sobretudo aos trabalhos nas universidades e publicações que abordam a cultura visual. O autor discute com detalhes como a cultura visual ganhou espaço nessas, as quais mapeiam todo um campo de conhecimento, capaz de nos fazer entender os estudos em laboratórios de universidades e periódicos específicos nessa área do conhecimento. Sendo assim, já é possível perceber que autores estrangeiros e também brasileiros estão interessados em ampliar o campo da cultura visual. Isso fica atestado nas recentes publicações que no Brasil ocupam espaço significativo em revistas e periódicos.

Ainda seguindo com os inventários sobre cultura visual podemos encontrar no clássico artigo de Meneses (2003), um verdadeiro mapa da questão da visualidade nas ciências sociais. O autor faz a distinção entre fontes visuais, cultura visual e história visual, questionando as possibilidades e os limites que cada um apresenta em sua composição. Observa que o visual é parte integrante da própria sociedade sendo uma dimensão plausível de entendimento e interpretação. Uma das grandes contribuições desse artigo é o reconhecimento de algumas obras brasileiras que tratam a questão do visual, afirmando que é um campo em construção, mas que ainda temos muito a fazer para trabalhar corretamente com a visualidade. O artigo de 2003 faz referência a um conjunto de obras naquele momento histórico. Passado mais de dez anos da publicação, o campo cresceu muito no Brasil, incorporando discussões de autores clássicos que dão conta da visualidade como possibilidade de fonte e objeto do conhecimento.

Ainda seguindo as afirmações de Meneses, ele observou que no campo da cultura visual, as imagens fotográficas ocupam um lugar especial, principalmente no Brasil, onde os acervos fotográficos são expressivos, tanto em número, quanto em qualidade explicativa. Isso vem muito ao encontro do nosso dossiê aqui apresentado, pois a maioria dos artigos discute a fotografia em suas diferentes aplicabilidades e

tipologias. Os acervos fotográficos no Brasil estão bem organizados em arquivos públicos, privados, museus, institutos culturais e demais instituições culturais, o que nos coloca num lugar privilegiado para a pesquisa. É possível encontrar vários acervos catalogados e alguns até digitalizados, o que facilita o trabalho de acesso e pesquisa, pois a fotografia desde o início de sua invenção no século XIX, já se fez presente no Brasil. O grande acervo fotográfico brasileiro é fruto da presença de fotógrafos em todas as regiões, não somente nas capitais, mas também nos mais distantes lugares com o trabalho dos fotógrafos itinerantes. Dada esta especificidade brasileira, podemos afirmar que a fotografia é capaz de revelar dimensões significativas da história visual brasileira.

As imagens fotográficas ocupam lugar de destaque na cultura visual contemporânea, pois elas são trabalhadas já há bastante tempo nas ciências sociais, sendo assim as reflexões teóricas e metodológicas estão bem adiantadas no meio acadêmico e cultural. A fotografia tem essa dupla qualidade, ser um produto cultural e também um meio de circulação da cultura, portanto, um produto que comunica, retém um tempo passado que não volta mais, sendo um recorte de um tempo e espaço numa determinada realidade. Representam a realidade e o realismo, são representações visuais e, ao mesmo tempo, testemunhas de que algo aconteceu no passado, ficando para sempre retido num suporte, seja na superfície do negativo ou revelada no papel, quanto no suporte digital. Passado mais de um século e meio da criação da fotografia ela não foi superada pelas imagens em movimento, ela permanece cada vez mais presente nos sistemas de comunicação. Atualmente com os processos digitais as fotografias se apresentam como um poderoso veículo de circulação da cultura e de comunicação pessoal. Os aparelhos digitais a utilizam com uma frequência diária; as palavras foram substituídas pelas imagens, elas comunicam e informam sobre a vida cotidiana das pessoas.

A importância das fotografias nos estudos contemporâneos apareceu de forma significativa nesse nosso dossiê, pois a maioria dos artigos aqui apresentados trabalham com o mundo das fotografias, em suas diferentes apresentações e aplicabilidades. Apenas um artigo das imagens mais clássicas, mas a composição das discussões, aqui apresentadas fazem referência diretamente as representações visuais e como essas compõem todo um panorama de possibilidades de construção do conhecimento. Sendo assim, as reflexões nos conduzem a uma possibilidade de entendimento da visualidade das sociedades, trabalhar o visual é uma opção que exige do pesquisador uma atitude inovadora. As representações visuais diferem das outras formas de representar, elas são

singularizadas por uma forma específica do olhar, portanto, com um tipo específico de interpretação.

O título do nosso dossiê, “**Por um dossiê de cultura visual**”, é uma forma provocativa de dizer que ele é uma possibilidade de apresentação dos artigos, que seja um dos vários outros que virão futuramente. É uma posição dos editores da revista em proporcionar ao público em geral uma pequena mostra dos trabalhos realizados no Brasil. Os artigos apresentam uma certa posição dos caminhos até aqui trilhados nos grupos de pesquisas que discutem a temática do visual na sociedade contemporânea. Todos os artigos são frutos de pesquisas elaboradas sob a luz da cultura visual em suas diferentes facetas, pois já existe uma complexidade dela no atual estágio de discussões sobre a visualidade. Mas o mais importante a ser ressaltado é o desenvolvimento de referências teóricas e metodológicas que nos dão suporte para pensarmos diferentes desdobramentos da cultura visual. Que esse dossiê sirva como exemplo de discussão e aplicabilidade do tema visualidade, abrindo novos rumos num campo que ainda tem muito para ser construído.

Uma boa leitura a todos, para o público em geral e o mais especializado, a grande contribuição é proporcionar a qualquer pesquisador e leitor o entendimento de nossas premissas.

REFERÊNCIAS

- GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- JAY, Martin. Introduction: Vision in context. In: BRENNAN, Teresa e JAY, MARTIN (eds.). **Vision in context: historical and contemporary perspectives on sight**. New York, London: Routledge, 1996.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. In: **ArtCultura**. V.8, n.12. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH; **Humanitas Publicações**, v.23, n.45, p. 11-36, 2003.